

REGIÃO DAS BEIRAS

Figueira da Foz

“Naufrágios de gentes minhas” “enriquece” N.ª Sr.ª da Conceição

Festas Livro de Kim-Zé Carvalho vai ser apresentado na Igreja de S. Pedro em Buarcos, no fim da procissão em honra da santa. Trabalho que alerta que os naufrágios continuarão no mar e em terra

Bela Coutinho

“Naufrágio de gentes minhas” foi apresentado recentemente no Casino Figueira (que patrocinou a obra de Kim-Zé Carvalho). Mas o autor, quando pediu ao pároco de Buarcos que prefaciasse e apresentasse o livro, manifestou desde logo vontade que houvesse uma outra apresentação, para as gentes da sua terra. Carlos Noronha percebeu bem o significado deste desejo, atendendo às «diferenças brutais», entre as duas comunidades, apesar de agora, ligadas pelo casarito. «Uns, os de Buarcos; eram virados para o mar; os outros, da Figueira virados para o rio e é por esta diferença de mentalidades que ele não se quer confinar à Figueira», explicou ao nosso Jornal.

Carlos Noronha acrescenta que foram equacionados alguns locais, mas «propus que acontecesse no dia de N.ª Sr.ª da Conceição, porque o livro fala na importância que a Capela desta santa tinha (e tem) no panorama dramático do naufrágio». «É a mais sobranceira ao mar e ainda me lembrados pescadores pedirem, quando havia nevoeiro cos-teiro, para que se focasse o sino para se orientarem». Mas também porque a capela (apesar



BELA COUTINHO

Padre Carlos Noronha diz que os naufrágios “não acontecem só no mar”, antes na vida de todos nós de não haver entendimento entre diversos autores) poderá ter sido «o primeiro grande local de culto da localidade. Era uma comunidade pequena e pobre». Daí ter proposto a data em que a imagem vai à Igreja de S. Pedro, para uma festa «de gente com fé, mas humilde. É Dezembro, faz frio, é tempo antipático para evento de rua. Por isso, mantemos essa ideia (da festa)

Quadro original de Ribeiro Júnior “Naufrágio” na Igreja de S. Pedro

No Museu da Marinha existe uma cópia do quadro “Naufrágio” de Ribeiro Júnior: obra que em 1915, ganhou a medalha de ouro em Paris. Mas o original foi adquirido pela paróquia há quase dez anos «a perpe-

tuar a homenagem aos naufrágios». No quadro, impressionante, não se vê o barco, nem o naufrágio, nem alguém que se salvou, antes «quem fica a morrer, mas no imperativo de ter de continuar a viver». ◀



nas crianças, senão... já tinha ido enrolada no mar». Daí que, no dia em que passam exactamente 38 anos que se tornou prior da paróquia (em 1978, já que, de 74 a 78 era coadjutor), Carlos Noronha celebra às 15h00 missa na Igreja de S. Pedro (a capela não tinha espaço), seguindo-se a procissão e a apresentação do livro, cerca das 17h00, numa «iniciativa inédita» e em que se juntam três elementos, elenca: «a comunidade reúne-se à volta de N.ª Sr.ª da Conceição, a imagem está (só nesse dia) na “igreja mãe da paróquia” e porque estaremos diante do grande quadro do naufrágio, que se encontra na parede do lado do mar» (ver caixilho).

Carlos Noronha frisa que o livro de Kim-Zé Carvalho «faz e vai continuar a fazer escrever muitos outros, porque os naufrágios da vida não acontecem só no mar: antes na vida de todos nós. E nunca há dois naufrágios iguais. Pode haver razões semelhantes: o mar, a especificidade do barco e o navegador; mas nunca se repetem. A vida também não se repete, não passa de um imenso mar». O livro, conclui «alerta que, do ontem ao amanhã, os naufrágios continuarão a acontecer, no mar e em terra». ◀